

## CALOR, ROSAS...

MAS que calor! Consolo-mé pensando que deve estar pior em Assunção, que é lá no meio do Continente e não tem vento do mar, e mais ainda no Palácio de Governo, onde o ditador Stroessner recebe más notícias. Más para ele: aqui e ali há ameaças de revolta. Boas para todos nós, se desta vez a inquietação paraguaia levar a um regime democrático e não a outra ditadura qualquer, como tem acontecido.

Quando o ministro Negrão esteve no Paraguai para a festa de «reeleição» do ditador — visita que melhor lóra que não tivesse havido — ele foi procurado por vários políticos da oposição local. E ouviu muitas histórias sobre a triste vida que têm os que, no Paraguai, lutam pela liberdade. Prisões, degredo, surras, torturas, morte... Mas no meio de tudo um detalhe pitoresco: a primeira coisa que o governo paraguaio faz com um cidadão que de algum modo se manifesta contra ele é... cortar-lhe o telefone. Nada de censura: corta-se o mal pela raiz.

E, por falar nisso, vocês se lembram que no tempo da guerra diziam que havia falta de telefones no Rio devido às dificuldades da indústria norte-americana, toda dedicada à produção de guerra? Não seria tempo de avisar a esses senhores que a guerra terminou há quase 15 anos?

Mudando de conversa, achei de mau gosto e mau jornalismo aquilo que é apresentado como «furo» internacional em uma de nossas melhores revistas: fotos de Marta Rocha na missa pela alma de seu marido. Que «furo» pode haver nessas fotografias, aliás ruins? Há apenas sensacionalismo barato e falta de delicadeza sentimental... «Furo» mesmo haveria se o Piano aparecesse na igreja.

Surge uma revista de luxo, «Sr.» (Senhor) que traz inclusive um artigo de Carlos Lacerda sobre rosas. Começa por aquela definição famosa: «a rose is a rose is a rose». Um dos mais lindos poemas que li sobre rosa não era poema, era resposta e pergunta em um livro de ensino de inglês: «Q.: — What is more beautiful than a rose? A.: — Nothing is more beautiful than a rose».

Carlos Lacerda mostra grande sabedoria, mas fiquei decepcionado de não ver referência àquela roseira chamada «caipirinha» que alegria tantos muros paulistanos; mas talvez esteja lá com outro nome.

E, por falar em rosa, saudemos uma nova colega, Rosamaria Murinho, que está fazendo uma crônica dominical no «Correio da Manhã», que já tem, aliás, a perfume de seus domingos, outra Rosamaria, a que se chama Rosinha Serzedo. Essas moças vão acabar deixando a gente sem emprego, a ver roseiras.